

Elias Lönnrot, um mitógrafo da nacionalidade finlandesa

Elias Lönnrot, a mythographer of the Finnish nationality

Felipe Augusto Tkac¹

Resumo: Este artigo busca, de maneira geral, delinear a figura intelectual de Elias Lönnrot acerca de sua posição em um contexto no qual o patriotismo, o interesse e a atividade acadêmica, ou de uma *intelligentsia* local, estavam conectados em torno da constituição de uma “nacionalidade finlandesa” que pudesse dar suporte cultural ao nascente Estado do Grão-Ducado da Finlândia. Com foco na criação, premeditada, de uma epopeia nacional por parte de Lönnrot, proveniente da tradição oral camponesa e de ação criadora de seu autor, o *Kalevala*. Argumentando que esse projeto, além de acadêmico, teve em Lönnrot a figura de mitógrafo dessa pretensa nacionalidade “adormecida” dos finlandeses.

Palavras-chaves: Elias Lönnrot. Nacionalismo Finlandês. *Intelligentsia* patriótica. *Kalevala*.

Abstract: This article aims to, in a broad scope, draw the intellectual figure of Elias Lönnrot regarding his position at a context in which patriotism, academic interest and activity, or a local *intelligentsia*, were connected around the constitution of a “Finnish nationality” which could provide cultural support to the emerging State of the Grand-Duchy of Finland. Focusing in the premeditated creation of a national epic by Lönnrot, made from the peasantry oral tradition and from the author’s own creative effort, the *Kalevala*. Arguing that this project, as well as academic, had in Lönnrot the form of a mythographer of the pretence “asleep” nationality of the Finns.

Keywords: Elias Lönnrot. Finnish nationalism. Patriotic *intelligentsia*. *Kalevala*.

Introdução

Jean-Luc Nancy, em sua obra *A comunidade inoperada*, escreve que “o mito é a abertura de uma boca imediatamente adequada ao fechamento de um universo.”² Nancy está se referindo a “fala viva” que inaugura pela enunciação um sentido, as “auroras do mundo”³. Decerto, *hipoteticamente*, se Nancy observasse os camponeses da Carélia do século XIX escutando o bardo local cantar suas *runot* (poemas) possivelmente poderia reafirmar a citação acima. E, Elias Lönnrot (1802-1884)⁴, que *de fato* escutou muitos destes bardos, tinha uma percepção acerca, digamos, dessas “auroras do mundo”, bem diferente, mas também adequada a um *fechamento de um universo*. Para ele, essa enunciação não era uma abertura, mas *revelação*. Revelação de um pretenso “passado imemorial finlandês” que teria sido preservado nessa

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (2020) e Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2017). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

²NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016, p. 90.

³Ibidem.

⁴ Médico, filólogo, coletor de poemas e escritor finlandês. Um dos principais nomes do nacionalismo cultural proeminente no Grão-Ducado da Finlândia durante as primeiras décadas do século XIX.

tradição oral camponesa. Desta forma, para Lönnrot, sua tarefa como intelectual engajado no programa patriótico de seu tempo, isto é, um interesse acadêmico em um projeto político em andamento no Grão-Ducado da Finlândia durante boa parte do século XIX, seria de possibilitar essa “revelação” aos seus “verdadeiros”, i.e., ao “*suomen kansa*” (povo finlandês). Lönnrot passou anos em diversas viagens pela região da Carélia onde coletou uma enorme quantidade de poemas do campesinato iletrado local. Esses poemas foram compilados por ele em um livro lançado primeiramente em 1835 e reeditado em 1849, uma epopeia intitulada *Kalevala*. É precisamente acerca dessa compilação e escrita de uma epopeia⁵ que pretendo tratar neste artigo, com enfoque na posição de Lönnrot como mitógrafo da nacionalidade finlandesa ao ter se dedicado a empresa da escrita literária promovida e inspirada por uma *condição social* e *interesse intelectual-político*. Portanto, argumentarei respectivamente, essas duas etapas com a intenção de expor, de maneira preliminar, linhas gerais para se pensar a figura do intelectual Lönnrot e sua epopeia.

Condições para o “*kansallinen herääminen*”

Não é raro encontrar nas definições sobre certos períodos em que uma sociedade de dado Estado – ou projeto de Estado – empreendeu ações em nome de uma “nacionalidade” o termo “despertar nacional”, ou mesmo “despertar da consciência nacional”, destarte das – corretas – indagações sobre consciência ou mesmo sobre nacionalidade, qualquer pessoa que tenha acompanhado algumas das mais influentes publicações do último, digamos, meio século sobre a teoria do nacionalismo⁶, haveria de ficar pelo menos incomodada com a ideia de um *despertar*. Essa noção prevê que algo estivesse “adormecido”, nas sombras à espera de uma faísca que “revelaria” o que “esteva sempre ali”. Ora, nada mais que pura metafísica. Entretanto, tão imbricada na nossa função ontológica, este *a priori* é o que Agamben chama de inscrição da vida nua na ordenação político-jurídica do Estado-nação, no qual a natividade é feita pela condição própria do Estado-nação, princípio de natividade e soberania são, portanto, fundidos nessa ordenação político-ontológica⁷. Para tanto, na investigação em questão, seguimos uma definição de *nação como narração*. A ideia da nação como multiplicidade de discursos e construída *pela linguagem* de muitas falas não

⁵ Sem, contudo, neste momento, me dedicar a argumentar sobre o conteúdo da epopeia, tarefa já empreendida anteriormente, e que pode ser ou não lida como um complemento acerca dos argumentos apresentados aqui. Cf. TKAC, Felipe Augusto. *Inscrição do ser-em-comum: nacionalismo literário e narrativa da nação na epopeia finlandesa Kalevala (1828-1849)*. 2020. 258f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020, pp. 142-198.

⁶ Para citar alguns dos nomes mais frequentes: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. BHABHA, Homi K. (ed.) *Nation and narration*. Abingdon: Routledge, 1990. GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. 2. ed. Ithaca: Cornell University Press, 2008. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. New York: Grove/Atlantic, Inc., 2007. SMITH, Anthony D. *National identity*. Reno: University of Nevada press, 1991. HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre política*. 1. ed. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, pp. 28-29.

sequenciais, não cumulativas e, ao fim, anagramáticas na construção de seus sentidos simbólicos, o que Raúl Antelo chamou de artefatos verbais, criaturas da linguagem, e, que se articula em um interstício⁸. Essa narrativa no vazio impõe, voluntariamente ou não, sobre os corpos, variados modelos e regimes temporais que se tornam parâmetros – ou normas, o “normal” – de mensuração explicativa da nação e fronteiras de ser pela diferença. A “nação”, ou como prefere Benedict Anderson, condição nacional (*nation-ness*) é, portanto, uma construção cronotópica retroativa que não deve ser lida ao lado de ideologias políticas, mas a partir de *produtos culturais específicos* que compõe os significados atribuídos a ela⁹. E, como Homi Bhabha definiu, a nação como narração é cindida por uma ambivalência do tempo, a do pedagógico e a do performativo, ou seja, aqui reside o tempo duplo em que a liminaridade do “povo” se tenciona como *objeto* e como *sujeito*¹⁰. *Objeto* histórico imbuído pela pedagogia nacionalista que atribui um discurso de autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado, e, *sujeito* que deve no presente significar o povo na contemporaneidade como um processo reprodutivo. Essa ambivalência é fundamental quando se olha para uma narrativa nacional, como é o caso de Lönnrot com sua epopeia *Kalevala*, pois a posiciona também sob uma liminaridade, um não-lugar, que, apesar da tentativa, nunca será plena na plenitude que pretende, não encerra o “povo”¹¹ em sua pedagogia, a nação é uma dialética de temporalidades diversas. Esse nexo abre *alógica da suplementariedade* derridiana, que possibilita a restituição da presença – perdida ou imaginada – pela linguagem, pois a própria coisa não aparece fora do sistema simbólico¹². É através desse prisma conceitual interpretativo que proponho lermos as ações de Lönnrot sobre a narração da “nação finlandesa”, sobre como o performativo da vontade-do-mito se inscreveu na escritura do *Kalevala* para buscar em um jogo de temporalidades sobrepostas a inscrição imaginada dos seres “finlandeses” a partir da enunciação da letra, que *ao mesmo tempo e no presente* lança para o passado a indubitável certeza de ser na origem, que por consequência teleológica arremessa ao seu “futuro” os substratos simbólicos para suprir a fantasia da plenitude nacional.

E é precisamente a partir dessa ordenação que o termo finlandês *kansallinenherääminen* (despertar nacional) funciona como léxico positivo da nacionalidade, isto é, afirma a “condição nacional” no discurso histórico, e que não pretendemos repetir. Termo que figurava em muitos estudos sobre a Finlândia

⁸ ANTELO, Raúl. *Algaravia*: discursos de nação. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010, pp. 21-24.

⁹ ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 30.

¹⁰ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 202-207.

¹¹ Cf. AGAMBEN, Giorgio. Op. cit., pp. 35-40.

¹² DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017, pp. 173-193.

oitocentista e o fervor nacionalista presente em boa parte do século XIX¹³, em especial o período em que o Império da Rússia dominava o território através de um Grão-Ducado, tendo como Grão-Duque o Czar.

É deste momento que temos que nos deter aqui. Delinear as condições desse chamado “*kansallinen herääminen*”, mas sem cair em sua (teleo)lógica explicativa ou em seu léxico nacionalista, narrativa que fora construída pela tradição historiográfica finlandesa desde meados do século XIX até o pós Segunda Guerra¹⁴.

Momento com uma temporalização conceitualmente localizada, o que Derek Fewster nomeou de fase do *romantismo antiquarianista nacional*, que ocorreu na maior parte do século XIX no Grão-Ducado da Finlândia e que se caracterizou por um programa nacionalista organizado, fortemente baseado na construção científica das línguas Fino-Úgricas¹⁵ e da poesia popular de camponeses; os folcloristas, linguistas e, mais tarde, arqueólogos foram os principais agentes dessa empresa nacionalista¹⁶. Mas apesar do forte caráter cultural de ação de uma *intelligentsia*¹⁷ local nesta fase, Atsuko Ichijo afirma que, em termos políticos, o nacionalismo finlandês do século XIX – diferentemente de outros Estados que empreendiam lutas nacionalistas de libertação de grandes impérios multinacionais na Europa e mesmo nas Américas – foi centrado no Estado *constituído*, sendo que sua autonomia antecedeu a mobilização étnica-vernacular dessa *intelligentsia*¹⁸.

O século XVIII na Europa foi palco do nascimento de uma percepção de mundo que teve fortes consequências ontológicas, o pensamento de Herder. Grosso modo, ele equalizou uma humanidade, entretanto, ao mesmo tempo a repartiu em culturas únicas, a um “ser coletivo”, um *Volk*¹⁹. Herder inaugurou a teoria étnica das nacionalidades, ou seja, a ideia da nação orgânica, individual e fundamentalmente diferente de outras nações. A qual deveria desenvolver sua língua, literatura, arte etc., e, desta forma, as “classes educadas”²⁰ teriam importante papel nos primeiros estágios de surgimento nacional, principalmente ocupando-se da dupla *língua vernacular* – “nacional” – e *poesia popular*, como é visível em um trecho de seu pensamento escrito:

¹³HROCH, Miroslav. Integration without revolution: the Finns. In: _____. *Social preconditions of national revival in Europe: A comparative analysis of the social composition of patriotic groups among the smaller European nations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 63.

¹⁴NYGÅRD, Toivo. Historians on Finland's Status in the Russian Empire: The Historian and Time, Politics and Political History. *Finnish Yearbook of Political Thought*, vol. 2, 1998, pp. 179-195.

¹⁵ Fino-Úgrico e Samoiedo são os dois galhos do tronco Urálico de línguas. O Urálico engloba diversas línguas, sendo as mais faladas (em número de falantes) o húngaro, finlandês e o estoniano. Todas as línguas têm um ancestral comum chamado de Proto-Urálico. Cf. HARMS, Robert Thomas. *Uraliclanguages. Encyclopædia Britannica*. Encyclopædia Britannica, inc., 2016. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Uralic-languages>>. Acesso em: 03 de junho de 2020.

¹⁶ FEWSTER, Derek. *Visions of a Past Glory: Nationalism and the Construction of Early Finnish History*. Studia Fennica Historica 11. 2nd Edition. Helsinki: Finnish Literature Society, 2006, pp. 23-24.

¹⁷ Usarei esse termo em concordância com Miroslav Hroch ao se referir à um estrato social finlandês de boa parte do século XIX, a saber, indivíduos que frequentaram a universidade e, geralmente, circulavam nos mesmos círculos da capital finlandesa e tomaram parte nas empresas nacionalistas do período. HROCH, Miroslav. Op. cit., p. 63ss.

¹⁸ICHIJO, Atsuko. *Nationalism and Multiple Modernities: Europe and Beyond*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013, p. 73.

¹⁹ DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, pp. 126-127.

²⁰HOBESBAWM, Eric J. *A era das revoluções, 1789-1848*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 221.

[...] uma nação... não tem nada mais valioso que a língua de seus pais. Nela vive todo o seu tesouro espiritual de tradição, história, religião e princípios de vida, todo o seu coração e alma. Privar tal nação de sua língua, ou rebaixá-la, é privá-la de sua única posse imortal transmitida de pais para filhos²¹²².

Essa nova percepção ontológica teve grande reverberação no romantismo, em particular no romantismo nacionalista, amplamente disseminado na maior parte da Europa do século XIX, principalmente pela mobilidade de pessoas e de livros que criou extensas redes de informações²³. Isso levou a certo compartilhamento de ideais filosófico-ontológico entre muitos intelectuais da época. E, apesar das multiplicidades de diferentes manifestações alocadas no substantivo romantismo, Löwy e Sayre argumentam que alguns elementos figuram como denominadores comuns – eles inscrevem no substantivo alemão da *Weltanschauung*²⁴ –, como o “reencantamento com o passado”, uma nostalgia idealizada de um “lar” ou “pátria” os quais teriam sido “corrompidos” no presente²⁵. Portanto, foi adotado para os argumentos do trabalho em questão, a ideia de uma tipologia específica do romantismo cunhada por Löwy e Sayre, o *romantismo restitucionista*, que se caracteriza pela proeminência de literatos e pela vontade de instaurar o passado ideal no presente através da ação consciente, geralmente um passado medieval fantasiado²⁶.

As ideias desse “regime” filosófico-ontológico chegaram, por *proxy*, principalmente das universidades suecas, primeiro em Turku e de lá para Helsinki²⁷. Essa circulação de ideias se deu no momento em que as relações de rivalidade geopolíticas e belicosas entre o Reino da Suécia e o Império Russo foram os fatores que possibilitaram o surgimento de uma entidade política distinta que pudesse ser associada a uma Finlândia, e, como o contexto europeu das Guerras Napoleônicas foi fator decisivo para a formalização dessa entidade política autônoma, ou seja, um *quase-Estado*, sob a tutela do Império Russo²⁸, já que no contexto das pressões napoleônicas a Rússia se viu forçada – tanto por coação quanto por tratado²⁹ – a tomar medidas militares contra a Suécia para enforcar as regras do Bloqueio Continental francês à

²¹ [...] a nation . . . has nothing more valuable than the language of its fathers. In it lives its entire spiritual treasury of tradition, history, religion, and principles of life, all its heart and soul. To deprive such a nation of its language, or to demean it, is to deprive it of its sole immortal possession transmitted from parents to children.

²² HERDER apud WILSON, William. Herder, Folklore and Romantic Nationalism. *The Journal of Popular Culture*. Volume 6, issue 4; Spring, 1973, p. 827, tradução nossa.

²³ LEERSSEN, Joep. Viral nationalism: romantic intellectuals on the move in nineteenth-century Europe. *Nations and Nationalism*, 17 (2), 2011, pp. 258-259.

²⁴ Pode ser entendida como “visão de mundo”, mas não, neste caso, no sentido universalista e metafísico de “espírito” ou mesmo estruturalista. Mas como uma questão filosófica-ontológica que circulou em *redes de conexão* de pessoas e informações.

²⁵ LÖWY, Michael. SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, pp. 21-23.

²⁶Ibid., pp. 41-46.

²⁷PENTIKÄINEN, Juha Y. *Kalevala mythology*. Expanded Edition. Translated and edited by Ritva Poom. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1999, p. 17.

²⁸ ICHIJO, Atsuko. Op. cit., p. 71.

²⁹ Tratado de Tilsit (à época secreto) de 1807, entre a França de Napoleão, o Império da Rússia e a Prússia (esta inclusa somente em uma versão pública do tratado), reconhecia a supremacia francesa na maior parte da Europa e dava mão livre à Rússia na região do Báltico. Cf. SINGLETON, Fred. *A Short History of Finland*. Cambridge University Press: Cambridge, 1998, p. 60.

Inglaterra. O que resultou na invasão do território sueco por forças russas e a chamada Guerra Finlandesa de 1808-1809 (Finlandês: *Suomen Sota*), que anexou ao Império Russo extensa parte do Reino da Suécia³⁰, que a partir da Dieta da Porvoo (Finlandês: *Porvoonmaapäivät*), convocada e reunida entre março e julho de 1809 na cidade de Porvoo (em sueco Borgå), definiu a criação do Grão-Ducado da Finlândia como parte autônoma do Império Russo. Por conta desta nova condição administrativa, as elites locais do Grão-Ducado da Finlândia e o Império Russo formaram gradualmente um aparato governamental – fundamentado no já existente sistema de leis e estratificação social medievais herdados do domínio sueco³¹ – que forneceu a este novo território uma autonomia de gestão fiscal, administrativa e militar nas mãos de membros “nativos” responsáveis pelos assuntos internos³². Portanto, essa autogestão por parte dessa elite finlandesa levou, segundo Alapuro, a um autorreconhecimento duplo, primeiro a necessidade de conferir lealdade nobiliárquica ao czar russo, assim como era com a Suécia, e, segundo, uma percepção de si como *finlandeses*, o que Alapuro chamou de “lealdade patriótica”³³. O que fora potencializado com a obrigatoriedade de natividade finlandesa para ocupar cargos na Dieta, e, de diploma universitário para o alto oficialato administrativo, o que levou ao desenvolvimento de um sentimento patriótico entre as camadas superiores – nobreza, clero e a pequena burguesia – resultante do contato com as ideias filosófico-ontológicas disseminados nas universidades³⁴.

Desta forma, essa aspiração nacionalista se deu, nesta fase, principalmente através de uma *intelligentsia* ligada principalmente, como já dito, à Universidade de Turku e posteriormente de Helsinki³⁵.

³⁰ De acordo com a Paz de Fredrikshamn (Hamina em finlandês). Assinada em 17 de setembro de 1809.

³¹ De acordo com um manifesto de 1808, redigido e publicado antes mesmo do acordo de paz, escrito pelo Czar Alexandre I, intitulado: *Pela graça de Deus, somos Alexandre, o Primeiro Imperador e o Autocrata Todo-Russo, e assim por diante, e assim por diante* (No original em russo: *Божией милостью Мы Александр Первый Император и Самодержец Всероссийский, и прочее, и прочее, и прочее*). Documento em russo disponível aqui: <<http://doc.histrf.ru/19/manifest-o-prisoedinenii-finlyandii/>>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

³² Para maior aprofundamento cf. JUSSILA, Osmo. HENTILÄ, Seppo. NEVAKIVI, Jukka. *From Grand Duchy to a Modern State: A political History of Finland since 1809*. London: Hurst & Company, 1999. MEINANDER, Henrik. *Democracy's long road: Finland's representative democracy and civil society from 1863 to the present day*. Helsinki: Parliament of Finland, 2013.

³³ ALAPURO, Risto. Finnish Elites and Russia in the Nineteenth Century. *Петербургский исторический журнал* [Revista Histórica de Petersburgo], № 4, 2016, p. 104.

³⁴ Ibid., p. 114.

³⁵ Essa mudança se deu por conta do grande incêndio que destruiu boa parte da cidade Turku em 1827. Por essa razão e por conta das ações do Império Russo de afastar o Grão-Ducado da Finlândia de suas ligações com o Reino da Suécia (já havia movido a capital de Turku para Helsinki em 1812) a Universidade de Turku foi transferida permanentemente para a nova capital no mesmo ano do incêndio. Importante fazer a distinção dessa Universidade de Turku que me refiro, era a Real Academia de Turku (Sueco: *Kungliga Akademien i Åbo* ou *Åbo Kungliga Akademi*) até 1809, desta data até 1827 Imperial Academia de Turku (Finlandês: *Keisarillinen Turun Akatemia*) e após 1827 até a independência da Finlândia em 1917 (mas o nome só mudou em 1919) Imperial Universidade de Alexandre na Finlândia (Finlandês: *Keisarillinen Aleksanterin-Yliopisto Suomessa*) não confundir com a atual universidade de língua sueca Åbo Akademi em Turku, fundada em 1918. A Real Academia de Turku fora transferida para Helsinki em 1827 sob o nome de Universidade Imperial de Alexandre na Finlândia, como mencionado anteriormente, e hoje corresponde a Universidade de Helsinki (*Helsingin Yliopisto*). Conferir o sítio da Universidade de Helsinki: TULEVAISUUDEN rakentaja vuodesta 1640. *Helsingin Yliopisto*. 2006. Disponível em: <<http://www.helsinki.fi/yliopistonhistoria/index.htm>>. Acesso em: 07 de junho de 2020. E conferir: YLIOPISTON Tarina. *Helsingin Yliopisto*. Última atualização em 24 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.helsinki.fi/fi/yliopisto/tutustu-helsingin-yliopistoon/yliopiston-tarina>>. Acessos em: 07 de junho de 2020.

Que a aliança entre interesse patriótico acadêmico e incentivo russo pelo estudo das línguas úgricas³⁶, com a intenção de afastar a influência cultural sueca, fora o pano de fundo para o florescimento de um nacionalismo intelectual e cultural predominante nos centros urbanos³⁷. Por conta dessa condição, houve um esforço coletivo e premeditado para delinejar uma “alta cultura finlandesa”, começando – como ditava o princípio herderiano – pela língua “nacional”, pela investigação e estruturação do vernáculo. Assim, diferentes membros da *intelligentsia*, entre eles o autor do *Kalevala*, promoveram estudos da língua finlandesa com a intenção de buscar suas “origens” e ligações históricas. Ao mesmo tempo, e em muitas vezes pelas mesmas pessoas, houve o trabalho de delinejar paralelamente à padronização do vernáculo uma história “medieval” da Finlândia, uma espécie de arqueologia das letras que tentou conferir sentido escrito à comunidade “nacional” finlandesa, isto é, buscou uma *justificação étnico-vernacular* de sua existência anterior à dominação estrangeira (sueca e posteriormente russa). Esse esforço intelectual, e, majoritariamente universitário nesse período, teve, então, por objetivo tentar “finlandesar” (em finlandês o adjetivo seria *suomalaisuus*) as elites locais e forjar uma cultura nacional literária e historiográfica, formar um repertório simbólico completo que posteriormente serviria de substrato pedagógico para o nacionalismo das massas.

Elias Lönnrot e sua tarefa homérica

Elias Lönnrot nasceu na pequena cidade – ou também paróquia – no Sudoeste do que hoje é a República da Finlândia, no caminho entre Turku e Helsinki, a vila de Sammatti, no dia 09 de abril de 1802. Era filho de um alfaiate pobre, e, devido sua origem social de nascimento em uma sociedade estamental – tanto sob o governo da Suécia quanto da Rússia – o fato de ter sido aceito na Academia de Turku (*Keisarillinen Turun Akatemia*) em 1822 certamente significou um importante passo de mudança na vida do jovem Lönnrot³⁸. Fora lá que ele estudou as línguas clássicas (latim, grego e hebreu), retórica, literatura grega, matemática, filosofia, história, entre outros tópicos comuns a estrutura universitária da época³⁹, em um momento no qual as estruturas medievais universitárias passavam por uma crise causada pelas guerras napoleônicas⁴⁰. No mesmo ano do grande incêndio da cidade de Turku Lönnrot defendeu dissertação de

³⁶HOVDHAUGEN, Even. KARLSSON, Fred. HENRIKSEN, Carol. SIGURD, Bengt. *The History of Linguistics in the Nordic Countries*. Academia Scientiarum Fennica: Helsinki, 2000, p. 83.

³⁷ HROCH, Miroslav. Op. cit., p. 73.

³⁸MAJAMÄÄ, Raija: Lönnrot, Elias. *Kansallisbiografia-verkkotulkaisu*. Studia Biographica 4. (ISSN 1799-4349, publicação online) Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1997. Disponível em: <<https://kansallisbiografia.fi/kansallisbiografia/henkilo/2836>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

³⁹ERSOY, Ersev. *Social Reality and Mythic Worlds: Reflections on Folk Beliefs and the Supernatural in James Macpherson's Ossian and Elias Lönnrot's Kalevala*. 2012. 309 f. Tese (PhD). University of Edinburgh: Edimburgo, 2012, p. 27.

⁴⁰VÄLIMÄÄ, Jussi. *A History of Finnish Higher Education from the Middle Ages to the 21st Century*. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2019, pp. 111-116.

mestrado⁴¹, intitulada *Dissertatio Academica De Väinämöine: Priscorum Fennorum Numine* (Dissertação Acadêmica: Sobre Väinämöinen um antigo deus dos finlandeses)⁴² sob a *praeses* de Reinhold von Becker (1788-1858), este que havia coletado poemas em viagens a comunidades camponesas fenófilas e foi uma grande inspiração ao jovem Lönnrot a fazer o mesmo⁴³, como explica Lönnrot:

Eu me esforcei para colocar essas runas [poemas ou canções] em algum tipo de ordem, uma tarefa que eu deveria prestar contas. De que eu saiba, ninguém havia anteriormente tentado ordenar eles [poemas], ou mencionado fazê-lo, eu vou primeiro reportar em como essa ideia me surgiu. Ao ler poemas coletados anteriormente, particularmente aqueles coletados por Ganander, ocorreu-me que talvez fosse possível encontrar o suficiente sobre Väinämöinen, Ilmarinen, Lemminkäinen⁴⁴ e outros de nossos ancestrais memoráveis para criar contos ainda mais longos, como os gregos, islandeses e outros fizeram com os poemas de seus ancestrais. Essa ideia foi reforçada ainda mais em minha mente quando, em 1826, com a ajuda de von Becker, professor adjunto de História em Turku, vim escrever um certo trabalho sobre Väinämöinen e, ao prepará-lo, percebi que não faltavam histórias sobre ele^{45 46}.

Durante esse período formativo, Lönnrot trabalhou de tutor (a partir de 1824) na casa do professor Johan Agapetus Törngren (1772-1859) na província de Häme próximo de Tampere. O que foi muito importante, pois:

Na casa de Törngren, a comunidade científica da época reunia-se, a qual selecionou Lönnrot entre os estudantes da Academia para realizar políticas nacionais de renascimento, com a intenção de romper com a conexão espiritualmente centenária da Finlândia com a terra mãe, a Suécia, e buscar uma história para ela [Finlândia]^{47 48}.

⁴¹O termo é polêmico por conta das estruturas acadêmicas à época que diferiam do modelo atual que veio em sua forma contemporânea mais para o fim do século XIX. Entretanto, na literatura também há a menção desse termo, como Pentikäinen escreve na cronologia de vida de Lönnrot no ano de 1827, “Earns M.A. degree and becomes a Doctorate of Philosophy candidate at the Turku Academy.” PENTIKÄINEN, Juha Y. Op. Cit., p. 257.

⁴²BECKER, Reinhold von. LÖNNROT, Elias. *Dissertatio academica de Väinämöine: priscorum Fennorum numine, cuius partem priorem, venia ampliss. facultatis phil. Aboensis, praeside Reinholo von Becker, philos. mag. historiarum adjuncto ord. Publicae censure modeste subjicit Elias Lönnrot, Nylandus, in audit. philos. die XIV Febr. MDCCXXVII. H. a. m. s. 96 f. Turku: Turun Akatemia: 1827.*

⁴³HANSKI, Jari. Becker, Reinhold von. *Kansallisbiografia-verkkojulkaisu*. Studia Biographica 4. (ISSN 1799-4349, publicação online) Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1997. Disponível em: <<https://kansallisbiografia.fi/kansallisbiografia/henkilo/3128>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

⁴⁴Väinämöinen, Ilmarinen e Lemminkäinen são três dos principais heróis da epopeia de Lönnrot, são nomes que foram retirados das histórias da tradição oral camponesa e reconfiguradas no *Kalevala* como as figuras motores do enredo do livro e alçados à “heróis nacionais”.

⁴⁵Näitä runoja olen kokenut johonkuun järjestyksenki saatella, josta siis työstäni lienee tili tehtävä. Koska tieltyäni kukaan sitä ei ennen ole yritynytkään elikkä ees sanalla maininnut, niin kertonen esiksi millä tawalla minä sihen tuumaan puutuin. Jo ainakin ajattelin ma ennen koottuja, liiatenki Gananderin, runoja lukissa, eikö niitä Wäinämöisestä, Ilmarisesta, Lemminkäisestä ja muista muisteltawistaesiwanhemmistämme olisi mahtanut siksikin löytyä, että olisi heistä saanut pitempäki kertoelmia, niinkun näemmä Greekalaisten, Islandilaisten ja muiten esiwanhempainsa runoja siksi saaneen. Tämä ajatus waanenämminwahwistu mielessäni, koska w. 1826 Turussa Historian Adjunktin won Beckerin awulla tulin Wäinämöisestä erään kirjan kirjottamaan ja sitä laatiessani näin, että hänestä ei puuttunut tarinoita.

⁴⁶LÖNNROT, Elias. *Kalevala*: 1. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1835:1, pp. iii-iv, tradução nossa.

⁴⁷Törngrenien kotona kokoontui ajan tiedeyhteisö, joka kaukonäköisesti valikoi akatemian opiskelijoista Lönnrotin toteuttamaan kansallisen herätyksen linjauksia, irtautumaan Suomen henkisesti vuosisataisesta yhteydestään emämaahan Ruotsiin ja etsimään kansan muinaisrunoudesta sille historian.

⁴⁸MAJAMAA, Raija. Op. Cit., tradução nossa.

Na sequência Lönnrot ingressa no doutorado em medicina e em 1832 conclui com a tese *Suomalaisen taianomaisesta lääketaidosta* (A magia na medicina finlandesa)⁴⁹, e ainda no mesmo ano vai para a cidade de Oulu e em seguida assume como médico distrital na pequena e afastada cidade de Kajaani. Apesar de seus trabalhos como médico, Lönnrot exercia uma função mais de “inspetor” – já que havia resistência às práticas médicas – e tinha muito tempo para empreender outras atividades, em especial as viagens para coletar poemas de camponeses na região da Carélia⁵⁰.

Durante sua relativamente longa vida, Lönnrot escreveu epopeias, traduziu livros de medicina, empreendeu viagens de caráter etnográfico, fez o primeiro dicionário finlandês-sueco, foi editor de um importante jornal, foi professor da Universidade de Helsinki e o primeiro a publicar academicamente em língua finlandesa, entre tantas outras coisas⁵¹. De fato, uma biografia sua seria uma empreitada por uma vida dedicada à intelectualidade patriótica. Mas aqui quero me deter em uma das ações de Lönnrot, e talvez a mais famosa delas, a publicação de um “épico nacional finlandês”, o livro *Kalevala*. Porque, destarte seus outros trabalhos, o que alçou Lönnrot ao nível uma espécie de “mito da nacionalidade finlandesa” foi a popularidade precisamente do *Kalevala*⁵².

É fundamental apontar aqui, de acordo com Pentikäinen, que o *Kalevala* deve ser percebido em uma dupla chave principal. A primeira é que o *Kalevala* foi *produto estético* da erudição de seu autor, isto é, de Elias Lönnrot, e, segundo, foi uma *atribuição social* diretamente ligada ao período romântico já consolidado entre a *intelligentsia* local, no qual Lönnrot, ao criar o *Kalevala*, o fez primordialmente como um estudioso da história e da linguagem⁵³. Portanto, quando digo *Elias Lönnrot e sua tarefa homérica*, estou me usando de um trocadilho possibilitado pela ambiguidade da palavra homérica, de um lado uma tarefa de grandes proporções e complexa, de outro, uma tarefa *a lá* Homero e sua *Ilíada* e *Odisseia*.

O *Kalevala* foi precisamente isso, uma compilação de 22.75 linhas⁵⁴ (em sua versão final de 1849) organizadas teleologicamente em um enredo relativamente coeso, destiladas de uma miríade de história camponesas coletadas por *hommes de lettres* motivados por intentos acadêmico-patrióticos, que mais tarde foram publicadas e compunham mais de um milhão de versos, dos quais muitos coletados por Lönnrot, seus antecessores, colegas e também estudantes⁵⁵.

⁴⁹ Está não disponível em meios digitais. Para mais, cf. PENTIKÄINEN, Juha Y. Op. cit., p. 68.

⁵⁰ Ibid., p. 69.

⁵¹ Conferir suas diversas realizações em MAJAMAA, Raija. Op. cit.

⁵² PENTIKÄINEN, Juha Y. Op. cit., p. 73.

⁵³ Ibid., p. 03.

⁵⁴ BOSLEY, Keith. Introduction. In: LÖNNROT, Elias. *The Kalevala*. 3. Ed. Tradução de: Keith Bosley. New York: Oxford University Press, 2008, p. xiii.

⁵⁵ Todas publicadas entre 1908 e 1948 pela *Suomalaisen Kirjallisuuden Seura* (Sociedade de Literatura Finlandesa) sob o título de *Suomen kansan vanhat runot* – SKVR (Os poemas antigos do povo finlandês). enorme base de dados – com arquivos coletados entre 1564 e 1939 – da coleção de poemas está inteiramente disponível – em finlandês – neste endereço eletrônico da Sociedade de Literatura Finlandesa: <<https://skvr.fi/>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

Em 1833 Lönnrot sozinho já havia coletado mais de cinco mil versos só sobre Väinämöinen, como ele diz ao escrever para Henrik Cajander (1804-1848):

Apenas de Väinämöinen tenho agora cerca de 5 a 6.000 versos, dos quais você pode concluir que será um tratado considerável. No entanto, neste inverno estou pensando em voltar para o Distrito de Arcangel, e não pararei mais cedo até reunir poemas em uma coleção que corresponda à $\frac{1}{2}$ da de Homero⁵⁶.⁵⁷

Tais versos que Lönnrot tinha às mãos, e que ele acreditava serem os “arquivos da nacionalidade finlandesa” preservados pelo *suomenkansa* (“*Volk*” finlandês) não eram *por si só* essa pretensa história, era necessário a tarefa do intelectual “descobrir”, “despertar” (*herättää*) tal história. E o projeto de Lönnrot ao escrever o *Kalevala* foi com esse intuito, a partir de suas escolhas ele primeiro, em 1835⁵⁸, publicou uma versão (em dois volumes) com 32 poemas (*runot* em finlandês), intitulada *Kalevala: 1. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista* (*Kalevala: Parte 1. Ou poemas antigos da Carélia dos tempos remotos do povo finlandês*)⁵⁹ e *Kalevala: 2. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista* (*Kalevala: Parte 2. Ou poemas antigos da Carélia dos tempos remotos do povo finlandês*)⁶⁰. Uma segunda versão saiu em 1849, com um total de 50 poemas e intitulada *Kalevala*⁶¹, contendo alterações consideráveis no enredo, sendo que foi esta versão que à época já obteve *status canônico*, eclipsando a versão de 1835 após a publicação. Entretanto, ainda em 1835 um grande setor da *intelligentsia* já recebia como o “épico nacional”⁶².

Essa recepção que aparenta certa “euforia” é em razão de uma expectativa real pela publicação, por conta do projeto da *Suomalaisen Kirjallisuuden Seura* (Sociedade de Literatura Finlandesa) que “[...] foi fundada em 1831 com a tarefa específica de publicar e financiar a ininterrupta coleta de tradição oral do campesinato, além de um desejo mais idealista de promover a literatura em língua finlandesa [...]”⁶³,⁶⁴ Sociedade formada *inicialmente* por jovens da *intelligentsia*, entre eles o próprio Elias Lönnrot – na fundação tendo o cargo de primeiro-secretário –, que frequentavam os mesmos espaços acadêmicos em Helsinki e haviam recebido educação e, como escreve Lehtonen, *impeto ideológico* para tal projeto na

⁵⁶ Af bara Väinämöinen har jag nu circa 5 a 6.000 verser, hvaraf du kan sluta att det blir en ansenlig afhandling. Jag tänker dock i vinter bege mig åter på en skuttresa till Archangelska Gouv. och icke upphöra förr med samlandet än jag af dessa dikter får en samling, som svarar emot $\frac{1}{2}$ Homerus.

⁵⁷ LÖNNROT, Elias. [Correspondência]. Destinatário: Henrik Cajander. [S. l.], 03 de dezembro de 1833.

⁵⁸ Há uma versão manuscrita, descoberta no início do século XX, que é usualmente chamada de *Proto-Kalevala*, mas como nunca foi publicada durante a vida de Lönnrot, considerarei as versões de 1835 e 1849.

⁵⁹ LÖNNROT, Elias. Op. cit., 1835:1.

⁶⁰ LÖNNROT, Elias. *Kalevala: 2. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista*. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1835:2.

⁶¹ LÖNNROT, Elias. *Kalevala*. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1849.

⁶² PENTIKÄINEN, Juha Y. Op. cit., pp. 23-26.

⁶³ [...] was founded in 1831 with the specific task to publish and finance the continued gathering of oral traditions of the peasantry, besides a more idealistic wish to promote literature in the Finnish language [...]

⁶⁴ FEWSTER, Derek. Op. cit., p. 96, tradução nossa.

Universidade de Turku⁶⁵. Inclusive, alguns desses membros iniciais que tiveram proeminente papel no projeto nacionalista, faziam parte da chamada turma de 1822⁶⁶ da Universidade de Turku, Johan Ludwig Runeberg (1804-1877), Elias Lönnrot, Johan Vilhelm Snellman (1806-1881) e Casimir von Kothen (1807-1880). Mas, para nossos objetivos aqui, é importante salientar que:

Nas primeiras regras da Sociedade, enfatizou-se que "a língua é o fundamento da nacionalidade". A Sociedade não era apenas um clube de debate acadêmico, mas também era um centro para o crescimento de um espírito nacional; reunia entre seus membros não apenas oficiais e estudantes universitários, mas também camponeses instruídos e, a partir do ano de 1846, também mulheres. Os projetos de maior alcance dos primeiros anos incluíram a coleção e publicação de poesia folclórica. A Sociedade apoiou as viagens de coleta de folclore de seu primeiro-secretário, Elias Lönnrot, no leste da Finlândia e na Carélia, e publicou os trabalhos que se baseavam nos resultados dessas viagens: o *Kalevala* (1835, 1849) e o *Kanteletar*⁶⁷ (1840)^{68 69}.

Esse ímpeto ideológico que Lehtonen menciona e sua descrição da primeira regra da Sociedade está relacionada a uma marcação que Łukasz Sommer fez:

As teorias de Herder estimularam o crescimento da linguística como um ramo da ciência, ao mesmo tempo em que forneciam ferramentas intelectuais para a construção de identidades na Alemanha. O exemplo alemão mostrou-se influente nas periferias do leste da Europa politicamente integradas, mas etnicamente diversas, onde as fronteiras culturais e linguísticas tendiam a se cruzar com as fronteiras políticas, mas se sobreponham à classe e ao patrimônio. [...] Ao longo do século XIX, à medida que a mobilidade ascendente cresceu, começaram a surgir movimentos nacionais e os conceitos herderianos de linguagem e identidade (especialmente em versões mais politicamente explícitas) atraíram muito seus líderes intelectuais. A história da linguagem e da identidade nacional na Finlândia é uma variação desse padrão^{70 71}.

⁶⁵ LEHTONEN, Tuomas M. S. SKS in a nutshell. *Suomalaisen Kirjallisuuden Seura*. [S.D.]. Disponível em: <<https://www.finlit.fi/en/finnish-literature-society-sks/sks-nutshell#.Xvj1HihKjIV>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

⁶⁶ VÄLIMAA, Jussi. Op. cit., pp. 127-129.

⁶⁷ Publicação de 1840 com outra coletânea de poemas, mas que ficou à margem em relação ao *Kalevala*.

⁶⁸ In the Society's first rules it was stressed that "language is the foundation of nationality". The Society was not merely an academic debating club, but it was also a centre for the growth of a national spirit, it gathered among its members not only officials and university students but also educated peasants, and from the year 1846 also women. The most far-reaching projects of the early years included the collection and publication of folk poetry. The Society supported the folklore collection journeys of its first secretary, Elias Lönnrot, in Eastern Finland and Karelia, and it published the works that were based on the results of those travels: the *Kalevala* (1835, 1849) and the *Kanteletar* (1840).

⁶⁹ LEHTONEN, Tuomas M. S. Op. cit., tradução nossa.

⁷⁰ Herder's theories stimulated the growth of linguistics as a branch of science, at the same time providing intellectual tools for identity building in Germany. The German example proved influential in the politically integrated yet ethnically diverse eastern peripheries of Europe, where cultural and linguistic boundaries tended to intersect with political borders but overlap with class and estate. [...] Throughout the nineteenth century, as upward mobility grew, national movements began to emerge and Herderian concepts of language and identity (especially in more politically outspoken versions) appealed greatly to their intellectual leaders. The story of language and national identity in Finland is a variation on this pattern.

⁷¹ SOMMER, Łukasz. A Step Away from Herder: Turku Romantics and the Question of National Language. *Slavonic and East European Review*, 90, 1, January 2012, p. 04, tradução nossa.

Essa relação linguagem-identidade foi, entre os românticos – Lönnrot firmemente incluso –, tendência geral na qual a essência de um “povo” residia nos atributos positivos – para tais românticos – da língua, canções e lendas dos camponeses, a “alma do povo”⁷². Em um trecho exemplar do prefácio do *Kalevala* de 1835, Lönnrot deixa evidente seu lugar-diverso na escrita da epopeia, ao mesmo tempo folclorista que coletou canções camponesas, historiador do “povo” finlandês e intelectual engajado na promoção da língua e literatura “finlandesa” na tentativa de alcá-la a uma, digamos, ideia de “alta cultura europeia” compatível com outras “nações”. Ele escreve:

Se a mitologia finlandesa puder obter alguma ajuda desses poemas - o que, de fato, é improvável que seja o caso -, então uma das minhas esperanças será realizada; mas ainda existem outros assuntos. Eu gostaria de obter alguma elucidação nestes poemas sobre a vida antiga de nossos antepassados e algum benefício para a língua finlandesa e à arte poética⁷³.⁷⁴

Partindo dessa assunção, Lönnrot, inspirado pelos nascentes estudos acerca das “origens” da língua finlandesa, faz uma relação entre o conteúdo da epopeia que escreveu – pois na citação abaixo está se referindo a genealogia dos heróis de *Kalevala* –, os estudos de linguística úgricas (nesse caso as línguas permianas) e uma hipótese sobre a história dos “finlandeses”:

§. 8. A origem da poesia e o Lar Original. Houve muitas especulações sobre a origem e o local desses poemas. Quem os considera nascidos durante o governo dos Permianos, nas margens sudeste do mar de Viena⁷⁵ (ou *Walkea*⁷⁶), parecem mais apropriado, [...] A parte dos finlandeses na Carélia Russa, com quem esses poemas sobreviveram por séculos, parecem ser os descendentes diretos do velho, rico, poderoso e famoso povo permiano⁷⁷.⁷⁸

É por essa razão, em relação ao programa intelectual de Lönnrot com sua epopeia, que Carolina Alves Magaldi conclui que o *Kalevala* foi um “produto cultural híbrido”, resultado do que chamou de “antropólogo de urgência”⁷⁹. O *Kalevala* é uma bricolagem da bricolagem camponesa. Kaukonen vai mais além e escreve que “é a poesia da poesia no sentido em que Lönnrot se propôs a fornecer uma imagem do

⁷² HOBSBAWM, Eric J. Op. cit., p. 418.

⁷³ Jos Suomen Mythologialla olisi näistä runoista mitään apua, joka juuri ei taia ilmankana olla, niin on yksi toiwoni täytetty, waanwielä olisi toisiakin: toivoisin näistä joitain selvitystäesiwanhempainwanhasta elämästä, Suomen kielelle ja runo-opillejotai hyötyä saawan.

⁷⁴ LÖNNROT, Elias. Op. cit., 1835:1, p. xiii, tradução nossa.

⁷⁵ Viena Carélia, região no atual leste da Finlândia e noroeste da Rússia (divisão federal chamada de República da Carélia).

⁷⁶ *Valkea* em finlandês significa branco, aqui se referindo ao Mar Branco.

⁷⁷ §. 8. Runojen syntyajoista ja alkuperäisestä kodista. Montakin arvelua on näiden runojen syntyajoista ja paikasta ollut. Muita asianmukaisemmalle näyttää se, joka pitää niitä Permian vallan aikana syntyneinä Wienan (eli *Walkean*) meren kaakkoisrannoilla, [...] Se osa Suomalaisia Wenäjän Karjalassa, joiden tykönä nämät runot ovat halki vuosisatojen säilyneet, näyttää kun olisi vanhan rikkaan, voimakkaan ja kuuluisan Permian kansan suoraa jälkisukua.

⁷⁸ Ibid., p. iv, tradução nossa.

⁷⁹ MAGALDI, Carolina Alves. *Paratextos das traduções brasileiras da Kalevala e do Popol Vuh ao longo do espaço e do tempo*. 2013. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013, p. 147.

período remoto da história que, em sua opinião, é descrito na poesia pré-letrada, mas que na realidade nunca existiu.”⁸⁰ Um certo desejo retroativo que alimenta a vontade de completude da razão comunitária. Portanto, proponho pensar Elias Lönnrot como – mas não só – um *mitógrafo* da nacionalidade finlandesa. Mitógrafo no sentido daquele que escreve não sobre mitos – apesar de talvez pensarem fazê-lo – mas aquele que *inscreve um mito*, ou seja, um “fechamento de universo”, atribuição de um sentido e significado à uma comunidade de ouvintes, neste caso, leitores, uma delimitação da existência de outras pessoas que estão a ler *o mesmo na mesma língua* sobre o “nós”, a *simultaneidade* de Anderson⁸¹. Se o *Kalevala* para Lönnrot veio ser a “luz” para um “passado finlandês”, mais do que outra coisa, na verdade, ele *inscreveu* nas páginas da epopeia uma *ambivalência de tempo* que se realiza no momento da leitura de quem *enxerga-se* como “finlandês”. Essa ambivalência é *enraizamento* de uma percepção de ser (jogo projetivo presente-passado para ser passado-presente) e uma *errância* do destino, isto é, ponto de fixação ontológica que abre a possibilidade de continuar a dizer quem é “finlandês”. O *Kalevala* é o que Édouard Glissant chamou de “grandes livros épicos fundadores”, que fornecem segurança à comunidade (enraizamento) ao mesmo tempo em que oferecem seu destino (errância)⁸².

Portanto, marquei preliminarmente Lönnrot, como sendo ao mesmo tempo furtador e criador em busca de uma “nostalgia poético-etnológica de primeira humanidade mitante”⁸³. Os poemas que coletou nessas comunidades camponesas da Carélia foi o ponto de interrupção da força mitante do mito daquela comunidade, foi o *furto*. Por outro lado, “se não há nova mitologia, não há e não haveria nova comunidade”⁸⁴, e, então, aqui ele é *potência do mito*, e “[...] é nessa medida, na qual ele se define pela perda da comunidade, que o homem moderno se define pela ausência do mito”⁸⁵. Essa perda é a interrupção do mito, “demos um nome a essa voz da interrupção: a literatura”⁸⁶. Que instaura o que Nancy chamou de *ser-em-comum* escriturário que se realiza apenas à medida que é ofertado uns aos outros da comunidade⁸⁷, novamente, a *simultaneidade* de Anderson.

Considerações finais

Sendo assim, tentei apresentar uma figura de Lönnrot em parte de seu processo de constituição como intelectual nacionalista, que, apesar de sua atuação como médico em uma cidade do interior, fora capaz de

⁸⁰ KAUKONEN, Väinö. The *Kalevala* as Epic. In: HONKO, Lauri (Ed.). *Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990, p. 165, tradução nossa.

⁸¹ ANDERSON, Benedict. Op. cit., p. 54.

⁸² GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 80.

⁸³ NANCY, Jean-Luc. Op. cit., p. 84.

⁸⁴ Ibid., p. 100.

⁸⁵ Ibid., p. 101.

⁸⁶ Ibid., p. 106.

⁸⁷ Ibid., p. 107.

manter-se ativo nos círculos intelectuais da Universidade de Helsinki. Principalmente através de suas extensas viagens para coletar cantos e suas influências e mudanças de visão acerca da *suomen muinaisuus* (Finlândia Antiga), atividades que geraram marcado interesse em seus pares da *intelligentsia*. E, como esse processo foi mesclado com a escrita do *Kalevala* e a consolidação de sua figura como um “verdadeiro patriota” entre a *intelligentsia* finlandesa. Sua posição no que em outro momento chamei de “Lönnrot, entre a voz e a escritura”⁸⁸. Lönnrot montou esse “anagrama de poemas” a partir de sua vasta coleção de canções camponesas e, principalmente, de sua criatividade organizadora da narrativa, de seu *bricoleur* das palavras, uma redução tão extensa da tradição oral camponesa que absolutamente deixou de sê-la, se transformou em outra coisa, neste caso, em uma narrativa cuidadosamente organizada para forjar um passado nacional. Um livro organizado sob a chave da lógica *origem-destino*, onde o nó da trama reside na proeminência dos heróis “finlandeses”, suas aventuras que dão sentido ao enredo e que definem uma moldura pretensamente histórica do “povo finlandês”. No plano simbólico, essa atitude de Lönnrot – e seus colegas – foi uma afirmação da *diferença*, criou um plano tangível e palpável ao “passado finlandês”. O *Kalevala* simboliza uma tentativa de normalização do mundo, e os personagens são o que representam, Väinämöinen, Ilmarinen e Lemminkäinen, que sempre vencem, mesmo quando são reduzidos a pedaços, simbolizam a liderança e a unidade do povo. Portanto, a narrativa da epopeia tem mais poder que a história factual e muito recente da Finlândia, que, desta forma, não serviria para os propósitos patrióticos de constituição de uma Estado-nação empreendidos por essa *intelligentsia* engajada de justificação histórica baseado em uma “antiguidade do povo finlandês”.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre política. 1. ed. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: AutênticaEditora, 2017.
- ALAPURO, Risto. Finnish Elites and Russia in the Nineteenth Century. *Петербургский исторический журнал* [Revista Histórica de Petersburgo], № 4, 2016. Pp. 104-128.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTELO, Raúl. **Algaravia**: discursos de nação. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.
- BECKER, Reinhold von. LÖNNROT, Elias. **Dissertatio academica de Väinämöine**: priscorum Fennorum numine, cuius partem priorem, venia ampliss. facultatis phil. Aboensis, praeside Reinholdo von Becker, philos. mag. historiarum adjuncto ord. Publicae censure modeste subjicit Elias Lönnrot, Nylandus, in audit.

⁸⁸ TKAC, Felipe Augusto. Op. cit., p. 108.

philos. die XIV Febr. MDCCCXXVII. H. a. m. s. 96 f. Turku: Turun Akatemia: 1827. Disponível em: <<https://www.doria.fi/handle/10024/149268>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

BHABHA, Homi K. (ed.) **Nation and narration**. Abingdon: Routledge, 1990.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

BOSLEY, Keith. Introduction. In: LÖNNROT, Elias. **The Kalevala**. 3. Ed. Tradução de: Keith Bosley. New York: Oxford University Press, 2008, pp. xiii-liv.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ERSOY, Ersev. **Social Reality and Mythic Worlds**: Reflections on Folk Belief and the Supernatural in James Macpherson's Ossian and Elias Lönnrot's Kalevala. 2012. 309 f. Tese (PhD). University of Edinburgh: Edimburgo, 2012.

FANON, Frantz. **The wretched of the earth**. New York: Grove/Atlantic, Inc., 2007.

FEWSTER, Derek. **Visions of a Past Glory**: Nationalism and the Construction of Early Finnish History. Studia Fennica Historica 11. 2nd Edition. Helsinki: Finnish Literature Society, 2006.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. 2. ed. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HANSKI, Jari. Becker, Reinhold von. **Kansallisbiografia-verkkojulkaisu**. Studia Biographica 4. (ISSN 1799-4349, publicação online) Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1997. Disponível em: <<https://kansallisbiografia.fi/kansallisbiografia/henkilo/3128>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções, 1789-1848**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

HOVDHAUGEN, Even. KARLSSON, Fred. HENRIKSEN, Carol. SIGURD, Bengt. **The History of Linguistics in the Nordic Countries**. Academia Scientiarum Fennica: Helsinki, 2000.

HROCH, Miroslav. Integration without revolution: the Finns. In: _____. **Social preconditions of national revival in Europe**: A comparative analysis of the social composition of patriotic groups among the smaller European nations. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ICHIJO, Atsuko. **Nationalism and Multiple Modernities**: Europe and Beyond. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

JUSSILA, Osmo. HENTILÄ, Seppo. NEVAKIVI, Jukka. **From Grand Duchy to a Modern State: A political History of Finland since 1809**. London: Hurst& Company, 1999.

KAUKONEN, Väinö. The *Kalevala* as Epic. In: HONKO, Lauri (Org.). **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp. 157-179.

LEERSSEN, Joep. Viral nationalism: romantic intellectuals on the move in nineteenth-century Europe. **Nations and Nationalism**, 17 (2), 2011, pp. 257-271.

LEHTONEN, Tuomas M. S. SKS in a nutshell. **Suomalaisen Kirjallisuuden Seura**. [S.D.] Disponível em: <<https://www.finlit.fi/en/finnish-literature-society-sks/sks-nutshell#.Xvj1HihKjIV>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

LÖNNROT, Elias. **Kalevala**: 2. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1835:2. Disponível aqui: <<https://www.gutenberg.org/files/48381/48381-h/48381-h.htm>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

LÖNNROT, Elias. **[Correspondência]**. Destinatário: Henrik Cajander. [S. 1.], 03 de dezembro de 1833. Disponível em: <<http://lonnrot.finlit.fi/omeka/items/show/2287#?c=0&m=0&s=0&cv=0&z=0.2487%2C0.0346%2C0.7575%2C0.713>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

LÖNNROT, Elias. **Kalevala**. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1849. Disponível aqui: <<https://digi.kansalliskirjasto.fi/teos/binding/1906618?page=3&term=KALEVALA>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

LÖNNROT, Elias. **Kalevala**: 1. Osa. Taikka Vanhoja Karjalan Runoja Suomen kansan muinosista ajoista. Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1835:1. Disponível aqui: <<https://www.gutenberg.org/files/48380/48380-h/48380-h.htm>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

LÖWY, Michael. SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MAGALDI, Carolina Alves. **Paratextos das traduções brasileiras da Kalevala e do Popol Vuh ao longo do espaço e do tempo**. 2013. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013.

MAJAMÄÄ, Raija: Lönnrot, Elias. **Kansallisbiografia-verkkojulkaisu**. Studia Biographica 4. (ISSN 1799-4349, publicação online) Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 1997. Disponível em: <<https://kansallisbiografia.fi/kansallisbiografia/henkilo/2836>>. Acesso em: 09 de junho de 2020.

MEINANDER, Henrik. **Democracy's long road**: Finland's representative democracy and civil society from 1863 to the present day. Helsinki: Parliament of Finland, 2013.

NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Tradução Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

NYGÅRD, Toivo. Historians on Finland's Status in the Russian Empire: The Historian and Time, Politics and Political History. **Finnish Yearbook of Political Thought**, vol. 2, 1998, pp. 175-202.

PENTIKÄINEN, Juha Y. **Kalevala mythology**. Expanded Edition. Translated and edited by Ritva Poom. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

SINGLETON, Fred. **A Short History of Finland**. Cambridge University Press: Cambridge, 1998.

SMITH, Anthony D. **National identity**. Reno: University of Nevada press, 1991.

SOMMER, Łukasz. A Step Away from Herder: Turku Romantics and the Question of National Language. **Slavonic and East European Review**, 90, 1, January 2012. p. 1-32.

SOMMER, Łukasz. A Step Away from Herder: **Turku Romantics and the Question of National Language**. *Slavonic and East European Review*, 90, 1, January 2012, pp. 01-32.

TKAC, Felipe Augusto. **Inscrição do ser-em-comum**: nacionalismo literário e narrativa da nação na epopeia finlandesa *Kalevala* (1828-1849). 2020. 258f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

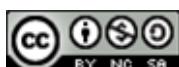
TULEVAISUUDEN rakentaja vuodesta 1640. **Helsingin Yliopisto**. 2006. Disponívelem: <<http://www.helsinki.fi/yliopistonhistoria/index.htm>>. Acessoem: 07 de junho de 2020.

VÄLIMAA, Jussi. **A History of Finnish Higher Education from the Middle Ages to the 21st Century**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2019.

WILSON, Wlliam. Herder, Folklore and Romantic Nationalism. **The Journal of Popular Culture**. Volume 6, issue 4; Spring, 1973. pp. 819-835.

YLIOPISTON Tarina. **Helsingin Yliopisto**. Última atualização em 24 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.helsinki.fi/fi/yliopisto/tutustu-helsingin-yliopistoon/yliopiston-tarina>>. Acesos em: 07 de junho de 2020.

Recebido em 30/06/20 aceito para publicação em 04/01/21.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 47 – primeiro semestre/2021

ISSN 2317-4021